

UM ESTUDO SOBRE NA ROÇA: CARTILHA RURAL PARA ALFABETIZAÇÃO RÁPIDA (1935), DE RENATO SÊNECA FLEURY¹

Cyntia Grizzo MESSEMBERG²

RESUMO

Com o objetivo de contribuir para a compreensão de um importante momento da história da alfabetização no Brasil, enfoca-se, neste artigo, a proposta para o ensino da leitura e escrita apresentada em *Na roça: cartilha rural de alfabetização rápida*, escrita pelo professor paulista Renato Sêneca Fleury (1895-1980) e publicada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, com 1^a. edição, presumivelmente, em 1935 e a última, a 133^a, em 1958. Mediante abordagem histórica centrada em pesquisa documental e bibliográfica, desenvolvida por meio dos procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação de fontes documentais e de leitura da bibliografia especializada sobre o tema, analisou-se a configuração textual da cartilha mencionada, que consistiu em focar todos os aspectos constitutivos de seu sentido. Por meio dessa análise, foi possível constatar a importância da atuação profissional e da produção didática do professor Renato Sêneca Fleury e sua relação com as necessidades educacionais e políticas do momento histórico em que a cartilha foi publicada.

Palavras-chave: *Na roça*: cartilha rural para alfabetização rápida. Renato Sêneca Fleury. Ensino da leitura. Métodos de alfabetização. Cartilhas de alfabetização. Pesquisa histórica em educação.

Introdução

Neste artigo, apresento resultados de pesquisa de Iniciação Científica vinculada às linhas “Alfabetização” e “Ensino de língua portuguesa” do Grupo de pesquisa “História do ensino de língua e literatura no Brasil” (GPHELLB)³, criado em 1994, que decorre do Programa de Pesquisa “História do ensino de língua e literatura no Brasil” (PPHELLB), ambos coordenados pela professora doutora Maria do Rosário Longo Mortatti. Desse grupo e desse programa de pesquisa resultou o Projeto Integrado de Pesquisa “História do ensino de língua e literatura no Brasil” (PIPHELLB), em

¹ Artigo resultante de pesquisa de iniciação científica (Bolsa PIBIC/CNPq/Unesp – agosto de 2008 a janeiro de 2009) desenvolvida sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria do Rosário Longo Mortatti. E-mail: mrosario@marilia.unesp.br.

² Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Marília; e integrante do Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” (GPHELLB) FFC/Unesp/Marília 17525-9000 – Marília – SP. E-mail: cyntiajau@yahoo.com.br.

³ Cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil — CNPq; certificado pela UNESP.

desenvolvimento, em etapas trienais, desde 1995, também coordenado pela professora mencionada.

O GPHELLB, o PPHELLB e o PIPHELLB estão organizados em torno do tema geral, método de investigação e objetivo geral que são comuns a todas as pesquisas de seus integrantes. O tema geral — ensino de língua e literatura no Brasil — se subdivide em cinco linhas de pesquisa: Formação de professores; Alfabetização; Ensino de língua portuguesa; Ensino de literatura; e Literatura infantil e juvenil. O método de investigação está centrado em abordagem histórica, com análise da configuração textual de fontes documentais. O objetivo geral, por sua vez, consiste em:

[...] contribuir tanto para a produção de uma história do ensino de língua e literatura no Brasil, que auxilie na busca de soluções para os problemas desse ensino, no presente, quanto para a formação de pesquisadores capazes de desenvolver pesquisas de fundo histórico, que permitam avanços em relação aos campos de conhecimento envolvidos. (MORTATTI, 2003, p.3)

Como integrante do GPHELLB, sob a orientação dessa professora e vinculadamente às linhas “Alfabetização” e “Ensino de língua portuguesa”, elaborei projeto de pesquisa de iniciação científica de cujo desenvolvimento resultou o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Pedagogia intitulado *Um estudo sobre Na roça: cartilha rural para alfabetização rápida (1935), de Renato Sêneca Fleury* (MESSENERG, 2008a). Nesse TCC apresento resultados da análise da configuração textual da cartilha mencionada, com base em pesquisa com histórica sobre o tema, centrada em pesquisa documental e bibliográfica, desenvolvida mediante procedimentos de localização, recuperação, reunião e ordenação de fontes documentais *de e sobre* Renato Sêneca Fleury⁴ assim como de bibliografia especializada sobre o tema.

Para o desenvolvimento da pesquisa de que resultou este artigo, foram utilizados conceitos operativos referentes à “alfabetização”, “cartilha de alfabetização”, “documento”, “pesquisa histórica”, e “análise da configuração textual”. A seguir, apresento definição desses conceitos, fundamentada em autores cuja perspectiva teórico-metodológica considero mais coerente com o tema e a abordagem que utilizo.

⁴ Da utilização desses procedimentos, resultou, também, um instrumento de pesquisa no qual se encontram reunidas 103 referências. Desse total: 86 são referências de textos escritos por Renato Sêneca Fleury, considerando as diferentes edições de um mesmo título; e 17 são referências de textos de outros autores, que tratam de aspectos da vida e atuação profissional desse professor. (MESSENERG, 2008b).

De acordo com Mortatti (2000a, 2004), diferentes sentidos foram atribuídos à alfabetização, ao longo de sua história, no Brasil. A fim de evitar confusões e anacronismos, na condução da pesquisa, utilizo o termo “alfabetização” no sentido de: “[...] ensino da língua escrita na fase inicial de escolarização de crianças.” (MORTATTI, 2000a, p. 17).

Utilizo “cartilha de alfabetização” no sentido apresentado por Mortatti (2000b), segundo a qual se trata de um tipo particular de livro didático, utilizado como “[...] instrumento de concretizações de determinado método, ou seja, da seqüência necessária de passos predeterminados para o ensino e a aprendizagem iniciais de leitura” (MORTATTI, 2000b, p. 48); a partir do século XX as cartilhas passaram a ser também utilizadas para o ensino simultâneo de leitura e escrita.

Quanto ao conceito de “documento”, por sua vez, utilizo-o no sentido apresentado pelo historiador francês, Jacques Le Goff (apud MORTATTI, 2000a, p. 30):

[...] uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio.

Partindo do conceito de “história como um campo de possibilidades”, uma vez que “[...] a experiência humana [...] não tem um sentido único, homogêneo, linear nem um único significado.” (VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 2005, p. 11), a “pesquisa histórica” permite:

[...] recuperar a ação dos diferentes grupos que nela atuam, procurando entender por que o processo tomou um dado rumo e não outro; significa resgatar as injunções que permitiram a concretização de uma possibilidade e não de outras. (VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 2005, p. 11).

Especificamente em relação à pesquisa histórica em educação, como propõe Mortatti (1999, p. 73), trata-se de:

[...] um tipo de pesquisa científica, cuja especificidade consiste, do ponto de vista teórico-metodológico, na abordagem histórica — no tempo — do fenômeno educativo em suas diferentes facetas. Para tanto, demanda a recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais, como mediadoras na produção do objeto de investigação.

Para a análise da cartilha em questão, utilizei o método de análise da configuração textual, que consiste em analisar:

[...] o conjunto de aspectos constitutivos de determinado texto, os quais se referem: às opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?), que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê), visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor (para quem?) e logrando determinado tipo de circulação, utilização e repercussão, que vem ocorrendo por meio do método de análise da configuração textual. (MORTATTI, 2000a, p.31).

Passo a apresentar, nos tópicos seguintes, os principais resultados da análise da configuração textual da cartilha escolhida como *corpus*. Essa análise incidiu, portanto, sobre os diferentes aspectos constitutivos de seu sentido: formação e atuação profissional do autor; aspectos estruturais-formais e temático-conteudísticos da cartilha; momento histórico em que foi escrita; e sua relação com o método misto proposto por educadores da época que foi publicada, principalmente destinada à população rural.

1. Apresentação de Renato Sêneca Fleury

Filho de Antônio Gonzaga de Sêneca de Sá Fleury e Thereza Guilhermina Grohmann, Renato Sêneca Fleury nasceu na cidade paulista de Sorocaba, no dia 22 de setembro de 1895. Foi professor, jornalista e escritor e, de acordo com sua sobrinha, Marta Miquelina Grohmann (2008)⁵, Fleury

Aprendeu as primeiras letras com a irmã mais velha. Aos nove anos fundou um pequeno jornal escrito a mão “O Ypiranga”. Mais tarde seu jornal foi impresso, tendo curta duração. Era o gosto pelo jornalismo que despontava na infância.

Em 1912, diplomou-se pela Escola Normal da Praça da República, na cidade de São Paulo-SP; no dia 25 de dezembro de 1915, casou-se com Carmem Seabra e tiveram três filhos: Maria Helena Fleury, que se tornou professora; Cristóvão Colombo Fleury, que se tornou cirurgião-dentista; e Milton Fleury, que se tornou industrial. (GROHMANN, 2008).

Segundo informações contidas em nota da cartilha analisada, em 1913 Fleury exerceu o cargo de professor de escola isolada em Piracaia-SP, e, a partir de então, dirigiu grupos escolares aos quais recomendava seu método antes mesmo de a cartilha ter sido publicada.

⁵ Na indicação das referências de Grohmann 2008, não apresento os números das páginas, pois se trata de trecho extraído de mensagem eletrônica que essa sobrinha de Fleury me enviou.

Em 1914, juntamente com o seu irmão mais velho, Luiz Gonzaga Fleury (que também teve atuação importante no magistério paulista e posteriormente como escritor), Renato Sêneca Fleury fundou “[...] uma importante revista da cidade de Sorocaba, a revista *ABC*. Tiveram a colaboração do professor Wagner, Bráulio Wernek e Camargo César.” (GROHMANN, 2008).

Renato Sêneca Fleury teve intensa atuação no magistério paulista: “[...] foi diretor organizador dos ginásios estaduais de Itu e de Ribeirão Preto, delegado de Ensino em Araraquara, inspetor de Escolas Normais.” (GROHMANN, 2008), foi Diretor da Escola Normal de São Carlos, segundo informações contidas em *Poliantéia comemorativa do 1º centenário do Ensino Normal de São Paulo* (1946, p. 41).

Ainda segundo Grohmann (2008), Fleury:

Ministrou aulas de Psicologia Educacional e Pedagogia na escola de formação profissional de professores primários de Sorocaba. Obteve, por concurso realizado na cidade de São Paulo, esse direito. Teve por examinadores os renomados pedagogos Lourenço Filho, Fernando Azevedo, Antônio Firmino de Proença e Gastão Stang. (GROHMANN, 2008).

Em 1929, Fleury “[...] foi empossado como membro da Academia Brasileira de Literatura Infantil” (GROHMANN, 2008) e ocupou a cadeira de Monteiro Lobato. Foi também integrante da Academia Brasileira de Letras de São Paulo e recebeu, em 1959, o primeiro prêmio Jabuti de literatura infantil.

Diante de outras informações localizadas esparsamente, é possível presumir que, no ano de 1930, Fleury participou da campanha eleitoral que resultou na eleição de Júlio Prestes de Albuquerque, como Presidente do Brasil. Com a revolução liderada por Getúlio Vargas, candidato derrotado nessas eleições e que impediu a posse de Júlio Prestes, porém, Fleury perdeu os cargos que ocupava em Sorocaba, sua cidade natal, o que o levou a mudanças de cidade e ao exercício de outras atividades profissionais.

Mudando-se para São Paulo e, posteriormente, para o Rio de Janeiro, o professor Renato Fleury ampliou suas atividades profissionais. Dedicando-se também a carreira de escritor nas grandes metrópoles, acabou sendo um dos autores da literatura infanto-juvenil que mais publicou em meados do século XX. Apenas pela *Companhia Melhoramentos*, foram mais de sessenta livros editados. Mas mesmo morando fora de Sorocaba, sempre enviava artigos para diversos jornais da cidade. (PINTO JUNIOR, 2003, p. 130, grifos do autor).

Além dessas atividades, Fleury “[...] trabalhou, ao longo de sua vida, em vários jornais na capital. Foi colaborador assíduo do Jornal *Cruzeiro do Sul*, com a coluna ‘Histórico do Ensino Paulista - O Ensino Normal’.” (GROHMANN, 2008).

De acordo com Melo (1954, p. 226),

[...] fundou e dirigiu, em Descalvado, [o jornal] “O Progresso” e, em S. Manuel, [o jornal] “A Semana”. Na cidade de nascimento, lançou o semanário “Jornal de Sorocaba”, sob sua direção. Foi redator da “Revista Nacional” e do “Diário da Noite”, de S. Paulo. Escreveu largamente sobre literatura e pedagogia, em revistas e jornais do país. [...] Sua dupla atividade vocacional de escritor e de educador fez que quase toda a sua obra se orientasse no rumo didático e infantil.

Ainda segundo Melo (1954, p. 226), Fleury chefiou o Departamento de Educação de Sorocaba até 1943, quando se aposentou. Faleceu no dia 16 de janeiro do ano de 1980, no Rio de Janeiro, cidade natal de sua segunda esposa⁶, Wanda Paracampos.

Concomitantemente a sua atuação como professor e jornalista, Fleury escreveu muitos livros, sobre diferentes assuntos. Segundo Grohmann (2008), Fleury teve publicados “[...] cento e três livros escritos, a maior parte deles para a infância e para a juventude.”. Até o encerramento da redação deste artigo, porém, localizei apenas 86 referências de textos de Fleury publicados entre 1937 e 1978. (MESSENERG, 2008b). Dentre essas, há referências cujas datas de publicação não consegui localizar, ou então referências repetidas em que varia o número da edição ou o número de páginas, incluindo cartilhas, livros de leitura, biografias, livros de literatura infanto-juvenil, ensaio e tradução.

2. Apresentação de *Na Roça*: cartilha rural para alfabetização rápida

Como informei, *Na roça*: cartilha rural para alfabetização rápida, teve sua 1ª. edição presumivelmente em 1935, pela editora Melhoramentos.

Com relação a essa data de publicação da 1ª. edição encontrei informações distintas. De acordo com a referência que localizei no *site* do Centro de Referência Educacional (CRE) “Mário Covas” a data da primeira edição da cartilha é 1935; a informação que localizei no livro *100 anos da Melhoramentos*, de Donato (1990), é que essa cartilha foi publicada em 1936, juntamente com a Série “Na Roça”;

⁶ Até o encerramento da redação deste artigo, não foi possível localizar a data desse segundo casamento de Renato Sêneca Fleury.

A série Na Roça (1936), encomendada a Renato Sêneca Fleury, foi ideada visando a alfabetização da gente do campo. A editora atendeu as especificações das escolas rurais desenvolvendo método apoiado nas sílabas, sistema testado pelo autor, ele mesmo professor da roça, por mais de vinte anos. A série viria a alcançar 133 edições. Aos textos pedagógicos unia jogos, adivinhações e brinquedos, além de rudimentos de técnicas agrícolas⁷. (DONATO, 1990, p. 92).

Como em nota editorial contida no início da cartilha há a informação de que “[...] em outubro de 1934 resolveu o autor divulgar o sistema [...]”, presumo, portanto, que a publicação da 1ª edição da cartilha data de 1935, conforme consta na referência que localizei no *site* do CRE “Mário Covas”.

O exemplar que analisei é da 25ª. edição. Devido ao fato de nesse exemplar não constar a data de publicação, entrei em contato com a editora⁸ e não obtive resposta. Fiz, então, uma análise comparativa entre as referências do exemplar da cartilha que consegui localizar e pude presumir que esse exemplar foi publicado na década de 40, do século XX. Por esse motivo, toda vez em que me referir à data provável de edição desse exemplar que analisei, utilizarei [194?].

2.1. Aspectos gerais do exemplar analisado

O exemplar da 25ª edição, de [194?], de *Na roça*: cartilha rural para alfabetização rápida, mede 13 x 17,5 cm, é encadernado em brochura, capa mole, impressa em papel brilhante e mais resistente do que as páginas internas da cartilha. Na capa predomina a cor verde; e as palavras referentes ao nome do autor, título, edição e editora, estão na cor marrom. Há uma ilustração de fundo que representa uma fazenda, com um campo, uma árvore, uma casa e alguns animais como vacas e patos.

Na terceira página da cartilha há um texto introdutório intitulado “AOS SNRS. PROFESSORES”, onde o autor da cartilha remete aos professores, explicando que, por se tratar do “método misto” para a alfabetização, as lições são compostas por duas partes, que estão inter-relacionadas e não devem ser estudadas separadamente. O autor, porém, não indica explicitamente o início e o término de cada lição e também não separa sistematicamente a cartilha em partes, mas suponho, de acordo com os conteúdos e a seqüência das letras apresentadas nas lições, que ela foi “dividida” em três partes: a

⁷ Até o momento que encerrei a redação deste artigo, não consegui localizar esse material complementar que, segundo Donato (1990), acompanhava os “textos pedagógicos” da Série “Na Roça”.

⁸ Atualmente a editora Melhoramentos faz parte da Companhia Melhoramentos. O *site* da editora é: <http://www.melhoramentos.com.br>. Acesso em 20/10/2008.

primeira se inicia na 1ª lição e termina na 21ª; a segunda se inicia na 23ª e termina na 41ª; e a terceira e última parte se inicia na 43ª lição e termina na última, a 58ª lição.

Ainda nesse texto, o autor explica brevemente o método utilizado na cartilha, “[...] graças à conjugação da análise e da síntese, em um processo misto que abrange, a um tempo, a sentencição, a palavrção, a silabação e a deletreação, chegamos a um sistema que oferece reais vantagens com proporcionar resultados rápidos e seguros” (FLEURY, [194?], p.5). Apresenta, ainda, sugestões ao professor para o ensino de cada lição em sala de aula, já que, nessas lições, “[...] vão crescendo gradativamente o número de palavras que as compõem [acompanhando o desenvolvimento dos alunos].” (FLEURY, [194?], p. 6).

As lições tratam de temas que remetem a aspectos da vida na zona rural e a animais que nela vivem, tais como: boi, galinha e tico-tico. Especificamente as lições finais têm como tema central ensinamentos gerais, tais como: os meses do ano e as datas comemorativas brasileiras, na lição 51; o nome dos dedos das mãos, na lição 52; e a bandeira do Brasil, na lição 57.

O elemento central do tema de todas as lições, porém, é escolhido, pelo autor, de acordo com a letra a ser estudada na lição. Como exemplo, o animal apresentado na lição 1 é “O boi”, o tema da historieta está relacionado ao boi e a letra estudada na lição é “b”.

As lições da cartilha são ilustradas, sendo no total 14 ilustrações pequenas, 38 médias e 19 grandes. Nota-se um predomínio de ilustrações médias, que sugerem ocupar um lugar na sentença com a finalidade de preencher espaço, já que, dificilmente, entre as sentenças, é deixado espaço sem preenchimento, utilizando-se todo o espaço da página com letras, frases ou essas ilustrações.

3. Aspectos da Editora Melhoramentos

No ano de 1890, na cidade de São Paulo,

A indústria, mais do que o comércio, fora generosamente irrigada com os ganhos do café e as liberalidades do tesouro republicano. E soubera-se aproveitar-se. Mesmo para ramos de atividades ainda não muito cogitados. O do papel, por exemplo.

Até ali o papel se restringira a poucas tentativas de produção. Havia uma fábrica em Salto, outra em Osasco, apenas inaugurada. Porém São Paulo requeria papel, material para construção, equipamentos que trouxessem melhorias urbanísticas. Enfim, realizadores. Um homem capaz e disposto a responder àquele apelo chamava-se Antônio Proost Rodovalho. (DONATO, 1990, p. 13).

O coronel Antônio Proost Rodovalho, em 12 de setembro de 1890, foi o responsável pela instalação, “[...] graças a um empréstimo de quinze contos de réis concedido pelo Banco do Brasil [...]” (HALLEWELL, 2005, p. 306), da Companhia Melhoramentos em São Paulo⁹, que já tinha a sua sede no Rio de Janeiro e uma grande produção de papel em uma segunda fábrica, em Caieiras.

A empresa, em 26 de julho de 1901 “[...] escolhe Antônio Bernardo Pinto para seu presidente [...] [e dois anos depois] transferiram a sede da Melhoramentos para São Paulo, onde se concentrava dois terços da produção industrial brasileira.” (DONATO, 1990, p. 29). A transferência impulsionava a novas aquisições e atividades.

Quando das aquisições da Melhoramentos, no ano de 1906, desenvolvia-se o processo de modernização de outra firma de destaque: a Weiszflog Irmãos. “As duas firmas, Melhoramentos e Weiszflog, figuravam entre aquelas paulistas convidadas a mostrarem, numa grande exposição internacional, o que eram e o que faziam.” (DONATO, 1990, p. 41).

Inicialmente a Weiszflog “[...] começou a adquirir ações da Companhia Melhoramentos, fabricante de papel.” (MOMENTOS DO LIVRO NO BRASIL, 1998, p. 76). Em quatro de dezembro de 1920, aconteceu a assembléia geral, “[...] convocada para fundir as empresas. A Melhoramentos deveria incorporar a Weiszflog.” (DONATO, 1990, p. 58).

Na ata, a visão que presidia o ato: “Como o estabelecimento gráfico Weiszflog Irmão tem todo completo um perfeito aparelhamento para produzir grande variedade de produtos com enorme freguesia e representantes espalhados por todo o Brasil, a Diretoria acha que, saindo do mercado Weiszflog Irmão, pela venda de todo o seu aparelhamento, a nossa Companhia pode, sem receio de falta de consumo, desenvolver sua atividade numa grande produção. Para vender mais barato, é preciso produzir grandes quantidades e para não guardar enormes estoques, grande parte de sua saída será assegurada pela indústria que anexaremos de pautação, encadernação, livros em branco, edições, fabricação de envelopes e baralhos, zincografia, litografia, enfim, todas as produções Weiszflog Irmãos...” (DONATO, 1990, p. 60, grifos do autor)

⁹ De acordo com Razzini (2007, p. 5) as informações localizadas no Arquivo do Estado de São Paulo, “[...] põe completamente em dúvida as afirmações de Hernani Donato quanto à origem da Editora Melhoramentos, quando declara que esta não teve nada a ver com uma outra Companhia Melhoramentos de S. Paulo, fundada em 1889, cujo diretor presidente foi o dr. Joaquim José Vieira de Carvalho.”. Porém, apesar de a autora ainda estar investigando essas questões contraditórias, ela afirma que “[...] as afirmações de Donato estão bem comprovadas e indicam seu acesso a documentos de cartório e da Junta Comercial do estado, o que reforça a possibilidade de engano no arquivamento.” (RAZZINI, 2007, p. 5).

A incorporação foi feita em 1920 e registrada como Companhia Melhoramentos de São Paulo — Weiszflog Irmão Incorporada. “A Weiszflog-Melhoramentos seria a primeira a libertar-se da dependência do suprimento externo de papel de imprensa: presumivelmente, foi esse o motivo da fusão.” (HALLEWELL, 2005, p. 337).

Com a nova direção a empresa cresceu, expandiu-se e acelerou freqüentemente sua produção.

O negócio ganhou nova dinâmica depois de Alfried Weiszflog assumir o controle das fábricas de papel da Melhoramentos, possibilitando a expansão da editora, que em 1928 imprimiu 670 mil exemplares, colocando-se entre as maiores do país. (MOMENTOS DO LIVRO NO BRASIL, 1998, p. 76).

Ao longo do século XX, a Companhia Melhoramentos de São Paulo atuou no setor gráfico de fabricação de papel e como editora de livros, tendo-se tornado:

[...] um enorme conglomerado, classificado, em 1971, no 145º lugar entre as quinhentas maiores empresas do Brasil. Além disso, é uma das maiores indústrias de papel do país. Seus interesses vão desde o reflorestamento, passando pela produção de polpa, até um grande número de produtos e atividades relacionadas com papel, inclusive papelaria, diversos tipos de trabalhos gráficos e atividade editorial, em perfeita integração vertical: “do pinheiro ao livro”. Em termos de recursos totais, a empresa era, então, a segunda em tamanho no negócio de livros [...] Quer em termos de sua atual produção editorial, quer de seu catálogo geral, a Melhoramentos tem estado, desde muitos anos, entre as três maiores. (HALLEWELL, 2005, p. 332).

4. O “terceiro momento” da história da alfabetização no Brasil

O ano de publicação da primeira edição da cartilha *Na roça*: cartilha rural para alfabetização rápida, 1935, relaciona-se com um momento significativo da história do Brasil no que diz respeito às mudanças e decisões que estavam em discussão naquele contexto político e social.

No que se refere ao ensino da leitura e escrita, de acordo com Mortatti (2000a, p. 142), pode-se considerar “[...] o momento histórico compreendido entre, aproximadamente, meados da década de 1920 e meados da década de 1970, como o terceiro momento crucial do ponto de vista da constituição da alfabetização como objeto de estudo.”. Mortatti (2000a) ressalta que a característica principal desse terceiro momento crucial é a “relativização” do método de ensino da leitura pautada no processo de “[...] hegemonização das bases psicológicas do processo de alfabetização” (MORTATTI, 2000a, p. 212) proposto e disseminado por Manoel Bergström Lourenço

Filho, no livro *Testes ABC*, que, segundo essa autora, contribuiu para a “fundação de uma nova tradição em alfabetização”.

Nesse momento histórico, havia aqueles que, diante do significativo número de analfabetos, buscavam propor um novo método para o ensino da leitura e da escrita que proporcionasse resultados mais rápidos e imediatos em relação aos “métodos tradicionais”. Isso ocasionou uma dispersão das disputas anteriores em torno dos métodos de alfabetização.

Entrando em cena outros sujeitos, que se apresentam como “educadores profissionais” e propõem soluções “técnicas” para os problemas educacionais, diluem-se as bandeiras de luta relativas à alfabetização características dos dois momentos anteriores. Embora o método analítico continue a ser considerado o “melhor” e “mais científico”, sua defesa apaixonada e ostensiva vai-se diluindo, à medida que se vai secundarizando a própria questão dos métodos de alfabetização, em favor dos novos fins, para a consecução dos quais, se respeitadas tanto a maturidade individual necessária na criança quanto a necessidade de rendimento e eficiência, podem ser utilizados outros métodos, em especial o método analítico-sintético – misto ou “ecletico” –, e se obterem resultados satisfatórios. (MORTATTI, 2000a, p. 145).

Ainda de acordo com Mortatti (2000a, p. 182), as origens de uma nova proposta de método de alfabetização “[...] parecem se encontrar na exposição do trabalho “O chamado ‘methodo analytic’ no ensino da leitura”, de Renato Jardim, durante a 9ª sessão ordinária da Sociedade de Educação, realizada, em fevereiro de 1924.”.

Apesar de essa proposta envolver muitos educadores de destaque da época, centraliza-se a discussão em dois professores: Renato Jardim e Sud Mennucci.

Sobressai-se nessa polêmica a disputa não pela hegemonia de teorias e práticas, como corre no momento anterior, mas pela hegemonia de interpretações do passado recente, de que os dois contendores, por terem dele participado – cada um a sua maneira –, julgam-se herdeiros legítimos e com direito tanto a sua recuperação quanto à explicação e versão autorizadas das teorias e práticas hegemônicas nesse passado, com o objetivo seja de revisão – no caso de Jardim – seja de defesa e conservação da tradição herdada – no caso de Mennucci. (MORTATTI, 2000a, p. 193).

As duas posições vão-se centralizando e:

A partir de então, uma espécie de assertiva torna-se consensual: em nome da eficiência, economia e rapidez do ensino, não deve ser proibido “analisar”. Em decorrência, dissemina-se e rotiniza-se o “método eclético”, cuja primeira feição – o método analítico-sintético ou misto – ganha rapidamente adeptos e se estende até nossos dias. (MORTATTI, 2000a, p. 194).

Em texto introdutório da cartilha analisada, Renato Sêneca Fleury ([194?], p. 5) afirma que “[...] graças à conjugação da análise e da síntese, por um processo misto que abrange, a um tempo, a sentencição, a palavração, a silabação e a deletreação, chegamos a um sistema que oferece reais vantagens com proporcionar resultados rápidos e seguros.”.

Diante dessa afirmação do autor e após breve análise das cartilhas que o antecederam ou que lhe são contemporâneas¹⁰, pude observar que a cartilha *Na roça*, apesar de ser destinada às crianças do ambiente rural, dialoga, de certo modo, com o método de cartilhas sintéticas e de cartilhas analíticas que circularam no estado de São Paulo em épocas anteriores. De acordo com Mortatti (2000a),

[...] embora também sejam muitas as cartilhas produzidas por professores paulistas, sobretudo a partir de 1930, continuam a circular no Estado de São Paulo algumas das cartilhas produzidas no final do século passado e nas primeiras décadas deste século. (p.201).

O número das cartilhas produzidas e publicadas no final da década de 30, do século XX, de acordo com Mortatti (2000a, p. 203), teve um aumento significativo e, após análise de muitas delas, a autora apresenta algumas considerações a esse respeito. Destaco, a seguir, uma dessas considerações, que está diretamente relacionada com a cartilha analisada: “[...] vão surgindo cartilhas específicas para a alfabetização de adultos, as escolas rurais e o ensino noturno, com propostas diferenciadas das cartilhas para crianças e para escolas urbanas [...]”.

Considerações finais

Os resultados de pesquisa apresentados neste artigo possibilitaram a compreensão de aspectos relacionados à formação e à atuação do profissional Renato Sêneca Fleury, aos aspectos temático-conteudísticos e estruturais-formais da cartilha analisada, ao público a quem se destinava e ao contexto histórico de sua publicação e circulação.

A análise da configuração textual dessa cartilha possibilitou compreender que o método misto nela proposto estava em sintonia com as características do “terceiro momento” crucial da alfabetização, segundo Mortatti (2000a).

Apesar das dificuldades, considero que os resultados aqui apresentados confirmam a relevância e pertinência tanto das pesquisas históricas sobre alfabetização,

¹⁰ Refiro-me aqui, em especial, às cartilhas já analisadas por outros integrantes do GPHELLB.

quanto de estudos pontuais como o que desenvolvi e como os dos demais integrantes do GPHELLB.

Referências

BRASLAVSKY, Berta P. de. *Problemas e métodos no ensino da leitura*. Tradução Agostinho Minicucci. São Paulo: Melhoramentos; Editora da USP, 1971.

DONATO, Hernâni. *100 anos da Melhoramentos: 1890-1990*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

FLEURY, Renato Sêneca. *Na roça: cartilha rural para alfabetização rápida*. 25. ed. São Paulo: Melhoramentos, [194?].

GROHMANN, Marta Miquelina. *Informações sobre Renato Sêneca Fleury* [mensagem pessoal] Mensagem recebida por <cyntiajau@yahoo.com.br> em 5 ago. 2008.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de São Paulo, 2005.

HARRIS, Theodore L.; HODGES, Richard E. *Dicionário de alfabetização: vocabulário de leitura e escrita*. Tradução Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: Artes Medical Sul, 1999.

MELO, Luis Correia de. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Irmão Andriolis, 1954. (Comissão do VI Centenário da cidade de São Paulo).

MESSEMBERG, Cyntia Grizzo. *Um estudo sobre Na roça: cartilha rural para alfabetização rápida (1935), de Renato Sêneca Fleury*. 2008, 78f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília, 2008a.

_____. *Bibliografia de e sobre Renato Sêneca Fleury (1895-1980): um instrumento de pesquisa*. Marília, São Paulo, 2008b. (Digitado).

MOMENTOS DO LIVRO NO BRASIL. São Paulo: Editora Ática, 1998.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Notas sobre linguagem, texto e pesquisa histórica em educação. *História da educação*. Pelotas, v.6, p.69-77, out. 1999.

_____. *Os sentidos da alfabetização: São Paulo - 1876/1994* São Paulo: Editora UNESP, 2000a.

_____. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular. *Cadernos Cedes*, São Paulo, ano 19, n. 52. p. 41-54, nov. 2000b.

_____. *Ensino de língua e literatura no Brasil: repertório documental republicano*. Marília, 2003. (Digitado).

_____. *Educação e letramento*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

PINTO JUNIOR, Arnaldo. *A invenção de “Manchester Paulista”*: embates culturais em Sorocaba (1903-1914). 2003. 206 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, São Paulo, 2003. Disponível em: < <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000311541>>. Acesso em: 05 jun. 2008.

POLIANTEIA *comemorativa do 1º centenário do Ensino Normal de São Paulo*. São Paulo: Gráfica Brescia, 1946.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregório. A produção de livros escolares da Editora Melhoramentos na Primeira República. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 2007, Santos. *Anais eletrônicos...* Disponível em: <<http://www.adtevento.com.br/intercom/2007/resumos/R1479-2.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2008.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. *A pesquisa em história*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

Recebido em: 13/04/2009

Reformulado em: 30/06/2009

Aprovado em: 04/08/2009